

DISCIPLINA

Geografia Urbana

As Cidades e a Globalização

Autoras

Regina Celly Nogueira

Ana Beatriz Gomes Carvalho



aula

07

Governo Federal

Presidente da República
Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação
Fernando Haddad

Secretário de Educação a Distância
Carlos Eduardo Bielschowsky



Universidade Federal do Rio Grande do Norte



Universidade Estadual da Paraíba

Reitor

José Ivonildo do Rêgo

Vice-Reitora

Ângela Maria Paiva Cruz

Secretária de Educação a Distância
Vera Lucia do Amaral

Reitora

Marlene Alves Sousa Luna

Vice-Reitor

Aldo Bezerra Maciel

Coordenadora Institucional de Programas Especiais
Eliane de Moura Silva

Secretaria de Educação a Distância (SEDIS) – UFRN

Coordenadora da Produção dos Materiais
Vera Lucia do Amaral

Coordenador de Edição
Ary Sergio Braga Olinisky

Projeto Gráfico
Ivana Lima

Revisoras Tipográficas
Adriana Rodrigues Gomes
Margareth Pereira Dias
Nouraide Queiroz

Arte e Ilustração

Adauto Harley
Carolina Costa
Heinkel Hugenin
Leonardo Feitoza
Roberto Luiz Batista de Lima

Diagramadores

Elizabeth da Silva Ferreira
Ivana Lima
José Antonio Bezerra Junior
Mariana Araújo de Brito

Divisão de Serviços Técnicos

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UEPB



Apresentação

Nesta aula, estudaremos questões pertinentes as cidades e ao processo de globalização. Você provavelmente ouviu muitas referências à globalização, mesmo que não compreenda bem o que ela significa. Há uma década esse conceito era relativamente desconhecido. Hoje, porém, é um termo utilizado com muita frequência em debates políticos, na mídia e na economia. Para nós geógrafos, essa é uma discussão muito importante, pois a globalização está intensificando as relações e a interdependência entre os lugares e mudando a maneira como vemos o mundo.

A globalização é muitas vezes retratada apenas como um fenômeno econômico. Essa idéia se deve ao papel que as empresas transnacionais desempenharam nos países em desenvolvimento, expandindo suas operações através das fronteiras nacionais, influenciando os processos de produção global e a distribuição internacional do trabalho.

Embora reconheçamos que as forças econômicas representem uma parte integrante da globalização, seria errado afirmar que esse processo é resultado apenas de questões econômicas. Na realidade, a globalização é produto da convergência de vários fatores políticos, sociais, culturais e econômicos em nível mundial. Foi impelida, sobretudo, pelo desenvolvimento da tecnologia da informação e transporte e da comunicação que intensificaram as relações das pessoas ao redor do mundo e provocou efeitos profundos sobre as cidades. No século XXI as cidades se tornam postos de comando da economia mundial, áreas de produção de mercadorias, mas, sobretudo, espaços de gestão política e financeira.

Objetivos

Ao final desta aula, esperamos que você:

1

Compreenda a relação entre o processo de Globalização e a constituição da rede global de cidades,

2

Entenda o funcionamento da economia global e o papel das cidades nesse processo;

3

Analise o papel das cidades na nova ordem mundial.

A Globalização

Nas últimas décadas o conceito de Globalização têm sido aplicado em vários campos do conhecimento. Para nós geógrafos, esse é um conceito muito importante por isso a necessidade e urgência em entendê-lo. A globalização está mudando o modo como o mundo se parece e a maneira como o vemos. Assim, a importância em compreendermos as complexas relações que se constituem atualmente.

Podemos dizer que essas conexões entre o *local e o global* são recentes na história da humanidade. Esse processo passou a ser conhecido há 40 anos atrás, com o avanço crescente na comunicação, na tecnologia da informação e no transporte. Foi através do desenvolvimento do nosso sistema global de comunicação por satélite que foi possível pessoas estabelecerem contato umas com as outras instantaneamente. Assim como, o desenvolvimento de meios de transporte cada vez mais rápido e eficiente significou o deslocamento contínuo de pessoas e bens através do mundo.

Ribeiro (2002, p.1) ressalta, que a difusão do termo foi utilizado inicialmente pela imprensa financeira internacional, muito depois os intelectuais adotaram o termo em seus estudos e discursos.:

A difusão do termo globalização ocorreu por meio da imprensa financeira internacional, em meados da década de 1980. Depois disso, muitos intelectuais dedicaram-se ao tema, associando-a à difusão de novas tecnologias na área de comunicação, como satélites artificiais, redes de fibra ótica que interligam pessoas por meio de computadores, entre outras, que permitiram acelerar a circulação de informações e de fluxos financeiros. Globalização passou a ser sinônimo de aplicações financeiras e de investimentos pelo mundo afora. Além disso, ela foi definida como um sistema cultural que homogeneiza, que afirma o mesmo a partir da introdução de identidades culturais diversas que se sobrepõem aos indivíduos. Por fim, houve quem afirmasse estarmos diante de um cidadão global, definido apenas como o que está inserido no universo do consumo, o que destoa completamente da idéia de cidadania

O conceito tem sido utilizado pelos cientistas sociais para referirem-se a processos que estão intensificando as relações e a interdependência sociais globais. A globalização é um fenômeno social com vastas implicações econômicas, sociais, políticas mas, sobretudo, culturais. Não deve, desse modo, ser entendida apenas como o desenvolvimento de redes mundiais e sistemas sociais e econômicos distantes de nossas preocupações individuais. A globalização representa também um fenômeno local, um fenômeno que afeta a todos nós cotidianamente. (GIDDENS, 2008)

Segundo Giddens (2008, p.61), ao adotarmos uma perspectiva global

Tornamo-nos mais conscientes de nossas ligações com os povos de outras sociedades. Tornamo-nos também mais conscientes dos diversos problemas que o mundo enfrenta no início do século XXI. A perspectiva global nos mostra que nossos laços cada vez maiores com o resto do mundo podem significar que nossas ações têm conseqüências

para outros e que os problemas do mundo têm conseqüências para nós. (...) Por ser a globalização um conjunto de processos imprevisíveis, ela é difícil de controlar e gera novos desafios que afetam a todos.

Para Milton Santos (2009), a globalização é o estágio supremo da internacionalização da economia. O processo de intercâmbio entre países, que marcou o desenvolvimento do capitalismo desde o período mercantil dos séculos VXII e XVIII, expande-se com a industrialização, ganha novas bases com a grande indústria, nos fins do século XIX, e, agora, adquire mais intensidade, mais amplitude e novas feições. O mundo inteiro torna-se envolvido em todo tipo de troca: técnica, comercial, financeira, cultural.

Vários foram os fatores que contribuíram para processo de globalização. No entanto, essa é uma questão que provoca debates e divide os cientistas sociais. Para alguns a globalização foi desencadeada no final da década de 1970, quando as empresas multinacionais passaram a se instalar em nações em desenvolvimento, em busca de legislações ambientais e trabalhistas mais frouxas, cargas tributárias menores, mas, sobretudo, mão de obra mais barata e novos mercados consumidores, como defende o professor Flávio Trovão em artigo publicado na Revista Nova Escola (Jan 2003). Diante disso, o capital passou a circular mais rapidamente pelo globo, atrás do melhor lugar para se reproduzir e de maiores facilidades. O capital transnacional nasceu assim, incentivando a modernização da tecnologia e a disseminação de produtos estrangeiros, principalmente, produtos norte-americanos nos países em desenvolvimento.

Outra linha de pensamento defende que a globalização tem mais de 400 anos. Os acontecimentos iniciados na década de 1980 só aceleraram um processo que se inicia na realidade no final do século XV, quando Cristovam Colombo e Vasco da Gama conectaram as Américas e a Ásia ao mercado europeu. Segundo o professor **Antonio Luiz da Costa**, *ainda não era a mesma globalização que vivemos hoje*, afirma o estudioso. O mundo das bolsas de valores, das sociedades anônimas e das transnacionais nasceu em 20 de março de 1602, com a fundação da Companhia Unida das Índias Orientais. Ao juntar 65 navios de mercadores holandeses, ela tinha participação pública e privada e um objetivo claro: conquistar territórios produtores de especiarias, a base do comércio mundial no século XVII, exatamente como fazem os globalizados do século XXI, afirma o professor.

Assim, essas são algumas definições com que nos deparamos no dia-a-dia. No entanto, a novidade da globalização não é a mudança, mas, sim, a velocidade dessas mudanças. Nunca o mundo mudou tanto e tão rápido como hoje. As mudanças são tão rápidas que acabamos nos perdendo dentro das relações. Essas mudanças, são, na realidade, a explosão do desenvolvimento técnico em todas as áreas do conhecimento. As comunicações globais é um exemplo concreto dessa realidade.



**Antonio
Luiz da Costa**

<http://revistaescola.abril.com.br/geografia/fundamentos/globalizacao-426816.shtml>



Atividade 1

Podemos dizer que as corporações transnacionais estão realmente mais poderosas do que os governos?



Fonte: leokirru.blogspot.com/ Acesso em: 20 dez 2009

A Economia Global e as Cidades



Segundo **Sassen** (2008, p1), o que denominamos de “economia global”, no sentido de uma economia sem fronteiras, com hierarquias claras, não existe. O que existe de fato é um vasto número de circuitos globais bem definidos e alguns deles especializados. Os diferentes circuitos são compostos por grupos diferentes de países e de cidades.

Por exemplo, hoje em dia, Mumbai faz parte de um circuito global de incorporação imobiliária, que inclui empresas provenientes de cidades tão diversas quanto Londres e Bogotá. O comércio global de commodities, no caso do café, tem seus eixos principais em Nova York e em São Paulo. Buenos Aires pertence a um circuito comercial global de commodities que também inclui Chicago e Mumbai. As commodities comercializadas globalmente ouro, manteiga, petróleo, café, semente de girassol são, em alguns casos, redistribuídas e enviadas para grande número de destinos, independentemente dos respectivos pontos de origem. O atual colapso de grandes instituições financeiras, por envolver conjuntos específicos de circuitos globais, não está afetando todas as cidades globais da mesma maneira.

Assim, a proliferação desses circuitos decorre não apenas das forças econômicas globais, mas, também, da migração, da cultura e evidentemente da história econômica do lugar. Nesse sentido, o conceito de cidade global não refere-se apenas ao desempenho econômico. Quase sempre, quando se fala em cidades globais imagina-se que seja uma cidade de grande aglomeração urbana (metrópole ou megalópole). Essa é uma ideia equivocada, pois existem cidades que são consideradas médias e que são globais, em contrapartida outras são grandes cidades com mais de 1 milhão de habitantes, mas, nem por isso, ocupa essa condição.

Podemos dizer, que a situação da cidade no século XXI não poderia ser mais diferente. O processo de globalização teve um efeito profundo sobre as cidades, tornando-as mais interdependentes e estimulando a proliferação de ligações horizontais entre as cidades que atravessavam as fronteiras nacionais. Conexões físicas e virtuais entre as cidades são agora abundantes e colocam efetivamente para o surgimento de redes globais. (GIDDENS, 2008)

A globalização transformou as cidades em centros vitais dentro da economia global. Elas representam uma plataforma para gerir capacidade de produzir, comercializar, investir, financiar e prestar serviços, em nível global, como ressalta Sassen (2008, p.2)

A cidade global é uma plataforma para produzir esses tipos de capacidades globais, mesmo quando isto exige grande número de empresas estrangeiras, neste caso em cidades tão diversas quanto Pequim e Buenos Aires. Todas as maiores ou menores 70 cidades globais do mundo contribuem para a produção dessas capacidades em seus respectivos países, funcionando, portanto, como pontes entre a economia nacional e a economia global. Nesta geografia retificada e múltiplas cidades, a maioria das maiores 250.000 empresas multinacionais do mundo mantém suas sedes em seus países de origem, independentemente do vasto número de filiais, subsidiárias ou empresas off shore que possam ter espalhadas pelo mundo, o que também ocorre com as multinacionais latino americanas, com operações que se expandem, tanto regional quanto globalmente.

Sassen

Saskia Sassen é uma socióloga holandesa, conhecida por suas análises nos fenômenos de globalização e de migração urbana, e por ter cunhado o termo cidade global. É atualmente professora na Universidade de Chicago. Membro do Comitê sobre Pensamento Global da Universidade de Columbia. O presente artigo foi base da participação da autora no evento Uban Age, ocorrido em São Paulo em 4 e 5 de dezembro de 2008.

Assim, as cidades estão sendo fortemente influenciadas pela globalização. Cidades como Nova York, Londres e Tóquio, são centros urbanos que abrigam as sedes das grandes corporações transnacionais e as grandes empresas de serviços financeiros, tecnológicos e de consultoria. Desse modo, à medida que as cidades ganham mais importância dentro da economia global, mais elas se especializam. As cidades globais são muito mais do que meros locais de produção de bens e serviços, elas hoje são importantes pela produção dos serviços especializados exigidos pelas organizações empresariais para a gestão de negócios espalhados pelo mundo.



Figura 1 – Cidade de Tóquio-Japão

Fonte: www.vitruvius.com.br/.../arqtur20_03.asp. Acesso em: 20 dez 2009.



Atividade 2

Tóquio é uma das cidades mais importantes no circuito das cidades globais. Através de pesquisa na internet, preencha a tabela abaixo com nomes de produtos, empresas e marcas que possuem capital japonês e estão espalhadas pelo mundo.

Produtos	Empresas	Marcas

Segundo Sassen (2008), outro fator importante é o reconhecimento das diferenças ou características de especialização entre diferentes cidades e diferentes regiões urbanas na economia global. A história econômica de um lugar influencia o tipo de economia que uma cidade, ou cidade-região, termina por desenvolver. Para Sassen, isto contradiz o senso comum, de que a globalização homogeneiza as economias mundiais. As características e especificidades econômica dependem dos detalhes da economia de uma cidade ou região. Esse elemento é mais importante do que se pensa, e influencia e afeta fatores que não costumam ser facilmente reconhecidos. Na realidade, a globalização homogeneiza padrões – para administrar, para contabilizar, para construir distritos de escritórios modernos e assim por diante, mas ainda requer diversificação das capacidades econômicas.

Referindo-se a América Latina, Sassen (2008, p.2) faz a seguinte colocação:

As mais de 1.200 empresas multinacionais estabelecidas no Brasil, que possui a maior concentração delas na América Latina, basicamente mantiveram suas sedes em seus respectivos países, ainda que contando com forte concentração e presença em São Paulo. Dentro de uma região tão vasta e diversificada como a América Latina, ficou recentemente claro que várias cidades funcionam como eixos importantes, cada uma delas representando um conjunto diferente de especializações e vantagens. Num primeiro grupo encontramos São Paulo, Cidade do México e Santiago, e num segundo grupo Buenos Aires, Bogotá, Caracas, Montevideu, Monterrey, Quito e Lima. Finalmente, existe uma economia Latino-Americana no espaço global, incluindo cidades fora dessa região geográfica: Miami e Madri são proeminentes neste espaço. Por exemplo, os 20 principais bancos sediados na América Central possuem cerca de 200 ligações correspondentes com Miami, comparando com 35 ligações com Nova Iorque.

Em seu artigo Sassen (2008, p. 2) destaca, ainda, a perda das posições das cidades norte-americanas. Ressalta que as mudanças no cenário mundial adicionam conteúdo à perda da posição dos Estados Unidos como o poderio econômico e militar dominante, no entanto, isso não significa que os Estados Unidos ficaram de repente mais pobres. Isto significa que as posições das outras regiões e de outras cidades do mundo estão subindo, e que existem forças múltiplas e plurilocalizadas que estão influenciando tais variáveis econômicas, políticas e culturais. O recente crescimento das economias informais nas principais cidades globais da América do Norte, da Europa Ocidental e, em menor escala, do Japão, levanta várias questões sobre o que faria parte, ou não, das avançadas economias urbanas de nossos dias.

Três tendências sugerem que a maior parte da informalidade encontrada hoje em dia está de fato ligada a características importantes do capitalismo urbano avançado.

Uma delas seria a aguda emergência e crescimento de economias informais nas principais cidades do hemisfério norte. Em segundo lugar, a geralmente subestimada proliferação de uma economia informal composta por profissionais criativos – artistas, arquitetos, designers, desenvolvedores de *software*, organizadores de eventos, etc., trabalhando nessas cidades. Finalmente, os novos tipos de trabalho informal estariam, de fato, funcionando como o equivalente informal de uma desregulamentação formal das finanças, telecomunicações e outros setores de ponta da economia, buscados sob a égide de “flexibilidade e inovação”. A principal diferença é que, enquanto a desregulamentação formal custa caro, e é paga com impostos e com capital privado, a informalidade custa pouco e se apóia basicamente sobre os próprios trabalhadores e empresas informais (SASSEN, 2008, p.4).

Essas são apenas algumas condições que se verificam nessa fase atual da globalização. Essas condições também podem estar produzindo um novo tipo de economia informal nas cidades globais do hemisfério sul, incluindo uma economia profissional criativa informal emergente. No sul, a emergência de uma economia informal se estabelece mais como resultado da pobreza e da sobrevivência do que das necessidades de setores econômicos avançados:

a mesma reestruturação político-econômica que levou à emergência da nova economia urbana no final dos anos 1980 também contribuiu para a formação de novas economias informais. O declínio do complexo industrial, dominado pela fabricação, que caracterizou a maior parte do século vinte, e o surgimento de um novo complexo econômico, dominado pelos serviços, forneceram o contexto geral dentro do qual precisamos colocar a informalidade, se tivermos que ir além de uma mera descrição das instâncias do trabalho informal. (SASSEN, 2008, p.4)



Atividade 3

Assista ao Filme *À procura da Felicidade* e elabore um pequeno texto destacando as questões que você relaciona com os problemas da cidade global.



Chris Gardner (Will Smith) é um pai de família que enfrenta sérios problemas financeiros. Apesar de todas as tentativas em manter a família unida, Linda (Thandie Newton), sua esposa, decide partir. Chris agora é pai solteiro e precisa cuidar de Christopher (Jaden Smith), seu filho de apenas 5 anos. Ele tenta usar sua habilidade como vendedor para conseguir um emprego melhor, que lhe dê um salário mais digno. Chris consegue uma vaga de estagiário numa importante corretora de ações, mas não recebe salário pelos serviços prestados. Sua esperança é que, ao fim do programa de estágio, ele seja contratado e assim tenha um futuro promissor na empresa. Porém seus problemas financeiros não podem esperar que isto aconteça, o que faz com que sejam despejados. Chris e Christopher passam a dormir em abrigos, estações de trem, banheiros e onde quer que consigam um refúgio à noite, mantendo a esperança de que dias melhores virão.

As desigualdades sociais e a cidade global

Muitos são os problemas enfrentados pelas cidades globais. Sejam elas dos países desenvolvidos ou dos em desenvolvimento. Nenhum dos aspectos pode caracterizar melhor esse fato do que as desigualdades sociais tão evidentes dentro da cidade global. As cidades globais dos países em desenvolvimento enfrentam problemas de todas as ordens e natureza.

Um dos problemas mais graves enfrentados pelas cidades globais tem sido o desemprego. O que verificamos é que os setores de serviços financeiros, marketing, alta tecnologia, estão colhendo lucros bem maiores do que jamais renderam os setores econômicos tradicionais. Assim, com a escalada contínua dos salários e das bonificações das áreas mais especializadas das camadas mais ricas, caem os salários dos trabalhadores empregados em serviços considerados de segunda categoria – segurança, limpeza, secretaria –. O que testemunhamos é a valorização do trabalho que está na vanguarda da nova economia global e a crescente desvalorização do trabalho que se desenrola atrás dos bastidores. Essa situação se agrava mais ainda nos países em desenvolvimento.



A partir de uma entrevista feita com o geógrafo Milton Santos, em 4 de janeiro de 2001, é discutido o tema da globalização e seus efeitos nos países em desenvolvimento. Neste documentário, *Encontro com Milton Santos ou O Mundo Global Visto do Lado de Cá*, dirigido por Silvio Tandler, Santos reflete sobre as contradições do processo de globalização que considera uma globalização perversa e propõe uma outra globalização. O cineasta entrevista um conjunto de intelectuais e estudiosos que conhecem o pensamento de Santos como, Paul Claval, Maria Adélia Aparecida de Souza, Roberto Lobato Corrêa, Manoel Correia de Andrade, Carlos Walter Porto-Gonçalves. O documentário nos ajuda a pensar os aspectos e singularidades da globalização no Brasil e no mundo.

Outro problema enfrentado pelas cidades globais é o déficit habitacional. Quanto mais essas cidades se sofisticam mais crescem as contradições no espaço urbano. Os mais prejudicados são os trabalhadores de baixa renda, que não podendo arcar com aluguéis e nem prestações de imóveis altos, investem seus poucos recursos em imóveis na periferia da cidade. Grande parte dessas áreas sofrem com a escassez de serviços urbanos básicos. As políticas públicas investem quase sempre no centro das cidades e nas áreas mais valorizadas das cidades globais, para as áreas marginalizadas sobram poucos recursos.

A maior parte dessas pessoas não vive no que normalmente entendemos por cidades, mas em imensos subúrbios sem infra-estrutura e serviços, os quais escapam a qualquer conceituação tradicional.

Texto complementar

O Brasil da globalização

Milton Santos

A globalização pretende ser homogeneizadora, como presença obrigatória em todos os continentes e lugares. E a promessa de construção de um mundo só estaria incluída nesse movimento. Todavia, tal pretensão até agora apenas renova disparidades e cria novas desigualdades, o que é devido à violência dos seus processos fundadores, todos praticamente indiferentes às realidades locais. A aplicação brutal de princípios gerais a situações tão diversas é criadora de desordem. Por isso mesmo, a globalização beneficia apenas uma parcela limitada de atores, enquanto causa transtornos e danos à maioria das empresas e das pessoas.

Segundo as condições preexistentes nos países ou como resultado da forma como estes se dispuseram a participar do novo período histórico, os territórios e as populações conhecem uma variedade de impactos, características de sua situação atual. Há, desse modo, países mais ou menos sensíveis ou mais ou menos infensos aos resultados do processo globalitário.

Este representa uma vontade arrebatadora de dominar o mundo, para afeiçoá-lo à sua imagem, mas as conseqüências variam segundo as condições locais de adaptação à nova ordem e o próprio interesse das nações hegemônicas.

O caso do Brasil é típico. Trata-se de um país cujas elites são caracterizadas por um gosto ancestral pelas modernidades. Sua história é uma sucessão de aberturas, nem sempre confessadas, mas que redundam num processo de imitação, às vezes grotesco, mas considerado moderno. Para isso contribui de modo marcante a força das mencionadas elites na formulação do que se pode chamar de um retrato do Brasil; e até mesmo uma boa parte das elites intelectuais parece haver renunciado à constituição de uma ciência própria, contente de ir buscar lá fora aprovação e legitimação para suas práticas intelectuais. Com a emergência e expansão das classes médias ainda mais água foi levada a esse moinho, movimento para o qual o papel amolecedor do consumo foi determinante.

Recentemente, esse país já aberto deu sinais de querer abrir-se todo, a abertura sendo a principal palavra de ordem na economia, na cultura e na política. Os postulados essenciais da política econômica e até mesmo da política social são importados como um pacote fechado. É dessa forma que o Brasil se torna paralelamente um país desarmado; e, o que é pior, desarmado de dentro. E isso implica a falta de apetite para uma discussão mais aprofundada das opções que poderia seguir. Foi assim que a nação, tornada indefesa por suas próprias mãos, tornou-se uma presa fácil para tudo o que foi sugerido de fora, sem outra consideração que a obediência a esse credo. Entre os próprios bolsões de resistência, as demissões foram se dando cada vez mais numerosas, inclusive nas elites intelectuais cujo dever, entretanto, seria o de pensar criticamente as novas situações, de modo a oferecer visões diferentes e apontar as opções cabíveis. É significativo assinalar que entre as mencionadas elites intelectuais rareou a busca de interpretações globalizantes do país, ampliou-se o desinteresse pela questão nacional e, num plano mais alto, reduziu-se o debate sobre a própria questão civilizatória. Tudo isso, ajudado pelo papel da propaganda, da moda e da mídia, acaba por ter um papel claramente deformador na formação da consciência das gerações montantes, ao mesmo tempo em que as diferentes manifestações de cidadania se tornam ainda mais difusas e débeis.

Esse conjunto de circunstâncias explica a relativa demora da opinião pública para se aperceber dos malfeitos da globalização perversa e, em conseqüência, elaborar um conjunto coerente de idéias e interpretações da nova realidade nacional, de modo a influir eficazmente na vida política mediante a influência que possam ter sobre a doutrina e a prática dos partidos.

Agora, finalmente, parece que a nação acorda, ainda aturdida pelo pesadelo em que vive. É auspicioso constatar que ela está dando mostras de estar chegando a um limite quanto à aceitação da situação que se criou com a aceitação sem peias do processo de globalização. Falta, sem dúvida, que as manifestações de violência ou revolta, de inconformidade ou de desconforto que atingem a maioria da população, parem de ser aceitas e tratadas como fatos isolados e que se reconheça a vida sistêmica de todos esses males e de todas essas reações aparentemente excepcionais. Dessa forma, ver-se-á que a sua existência é devida aos efeitos da globalização perversa, que a atual política econômica insiste em preservar. Será a partir desse marco que os movimentos sociais poderão ser reestruturados e que a vida partidária poderá obter um novo elo, de modo tal que a atividade política possa dar maior atenção aos interesses da nação e ao bem-estar das classes populares.

Fonte: <http://pessoal.educacional.com.br/up/4770001/1306260/t1311.asp>. Acesso em: 20 de dez 2099.



Atividade 4

Após a leitura do texto complementar, responda as questões:

- a)** Por que Milton Santos afirma que a globalização beneficia apenas uma parcela limitada de atores, enquanto causa transtornos e danos à maioria das empresas e das pessoas?

- b)** Para Milton Santos, qual o papel dos movimentos sociais em um mundo globalizado?

- c)** O que Milton Santos quer dizer quando se refere a globalização como *globalização perversa*?

Visando amenizar as contradições os planejadores/empreendedores urbanos convertem a rua – que um dia foi vital para o pedestre – em via de trânsito rápido e contínuo e transformam parques e praças públicas em áreas estéreis ou em receptáculo temporário de moradores de rua. A cidade global possui várias centralidades, umas das mais importantes, além do Centro, são os mega shopping centers que, quase sempre, localizam-se nas áreas mais valorizadas da cidade global. O shopping se transformou no espaço de compras e consumo onde o cidadão busca resolver suas angústias existenciais e se sente seguro diante das câmeras do policiamento privado.

Governando as cidades globais

A cidade moderna convive hoje com duas realidades que causam profundas transformações no seu conteúdo e forma. Assim como a globalização, a urbanização também produz contradições. Seus efeitos sobre a cidade tanto podem ser criativos como destrutivos. Por um lado estimula a concentração de pessoas, mercadorias, serviços, ideais e oportunidades. Por outro, fragmenta o espaço urbano, enfraquece a coesão entre os lugares, as tradições e as redes de relações.

A urbanização também estimula o individualismo, as neuroses urbanas e a violência. Quanto mais complexa a realidade urbana maiores são as possibilidades de se desenvolver determinadas neuroses urbanas. A violência urbana é o mal que assola as comunidades que vivem em centros urbanos. Abrange toda e qualquer ação que atinge as leis, a ordem pública e as pessoas. Muitas são as causas da violência. A principal delas é a exacerbação das desigualdades sociais que se expressão na paisagem urbana das cidades globais. O Desemprego, os baixos salários, a falta de acesso a educação, saúde e segurança, são apenas *alguns* serviços de que carece grande parte da população urbana.

Ao mesmo tempo em que a globalização agrava os problemas enfrentados por cidades do mundo inteiro, ela também proporciona espaço para que as cidades se tornem lugares de produtividade e competitividade. As cidades globais nas últimas décadas ganharam uma importância nunca vista à medida que os estados-nações têm cada vez menos condições de administrar as tendências globais. Por outro lado os estados-nações continuam grandes demais para lidar com questões das áreas urbanas cosmopolita, questões de natureza local. (GIDDENS, 2008)

Nesse sentido, o papel das cidades enquanto agentes políticos e econômicos só tende a crescer. Os administradores municipais hoje conseguem lidar melhor com os efeitos da globalização. As cidades, em função da sua estrutura de comunicação e transporte podem contribuir mais para a produção de riqueza, promover a integração sociais e cultural e servir como base e foro de acesso para a atividade política. Nos últimos anos os prefeitos estão assumindo responsabilidade em âmbito político de grande importância, visando cumprir a agenda urbana, que tem se tornado cada dia maior.

Assim, com o progresso da globalização, é provável que o papel das cidades se ampliem ainda mais nas próximas décadas. Muitos dos problemas enfrentados pelas grandes cidades globais estão, na realidade, vinculados a questões internacionais, como os problemas ambientais, a tecnologia de informação, a integração econômica, a migração e o comércio.

Resumo

Nesta aula, vimos como o processo de globalização afeta o conteúdo e a forma das cidades globais. A globalização não é apenas um fenômeno econômico, mas, sobretudo, cultural que afeta as populações nos seus lugares de moradia. Esse um processo complexo e muitas vezes difícil de se compreender, tendo-se em vista as várias relações que se estabelecem no âmbito do espaço urbano, está na ordem do dia dos cientistas sociais. Nas últimas décadas as cidades globais adquiriram uma grande importância. Grande parte da economia mundial passa por essas cidades. Elas, através da participação das empresas transnacionais, determinam as condições econômicas dos circuitos globais. Ao mesmo tempo em que a globalização traz desenvolvimento econômico e social, ela (globalização), também, contribui para aprofundar as diferenças sociais nas cidades. Hoje essas cidades lidam com grandes contingentes populacionais, com o desemprego em massa, com os problemas ambientais, com o déficit habitacional e com a violência urbana. Os prefeitos e administradores urbanos através dos urbanista/empreendedores tentam através de seus planos estratégicos amenizarem os problemas urbanos. No entanto, o que temos observado é a exacerbação das contradições urbanas e o fortalecimento dos governos locais, que buscam formas de investir nas cidades, visando amenizar o desemprego e as contradições aí existente.

Leituras complementares

SANTOS, Milton. **O País Distorcido**. Publifolha, 2002.

Esta publicação possui artigos e entrevistas de Milton Santos, ao longo de 20 anos, desde 1981 até sua morte, em 2001, na Folha de S.Paulo, onde registram-se, com característico vigor de estilo e independência, as idéias do geógrafo sobre o Brasil, a globalização, a cidadania e outros temas fundamentais para nossa autodefinição. Milton Santos

RIBEIRO, W. C. **“Globalização e geografia em Milton Santos”**. In: El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, Universidad de Barcelona, vol. VI, núm. 124, 30 de septiembre de 2002. <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm> [ISSN: 1138-9788]

Este artigo aborda a interpretação de Milton Santos, geógrafo brasileiro, sobre a globalização, tratada em sua dimensão cultural, econômica e por fim, solidária, promovendo um diálogo com outros autores que trataram do tema.

Autoavaliação



Pesquise no endereço <http://letras.terra.com.br/fernanda-abreu/580/> a música Rio 40 graus de Fernanda Abreu e responda as questões abaixo.



Rio, 40 graus / Cidade maravilha / Purgatório da beleza e do caos.” Assim inicia a canção elaborada por Fernanda Abreu, cantora e compositora carioca. Mais adiante, a letra traz a seguinte passagem: “Capital do sangue quente / Do melhor e do pior / Do Brasil.”

a) Por que a compositora afirma que o Rio de Janeiro traz o melhor e o pior do Brasil?

b) O que a autora quer dizer quando afirma:

*O Rio uma cidade
De cidades misturadas
O Rio é uma cidade
De cidades camufladas
Com governos misturados,
Camuflados, paralelos
Sorrateiros
Ocultando comandos*



Secretaria de
Educação a Distância

Ministério
da Educação

